

UM TRAÇO DO PORTUGUÊS KAMAYURÁ

(Um momento no processo de aquisição de uma nova língua)

Rosa Virginia Mattos e Silva
Myrian Barbosa da Silva

RESUMO

Discutem-se aqui dados coletados em trabalho de campo no Alto Xingu (Mato-Grosso). O principal objetivo deste artigo é mostrar que, na fase de aquisição do português em que se encontram os índios kamayurá, o traço de sonoridade que distingue /p-b; t-d; g-k; f-v; s-z; ʃ-ʒ / ainda não havia sido adquirido. Secundariamente, relaciona-se a aquisição desse traço com o vocabulário aprendido, a fim de determinar o nível de aculturação lingüística do informante.

1. Preliminares

1.1. O "corpus" sobre que se fundamenta esta comunicação foi coletado em agosto de 1969 na aldeia kamayurá, Alto Xingu (aproximadamente 53° 25' W.Gr 12° 5' lat. sul). Fez-se então o censo da população kamayurá em função de determinar o uso do português pela comunidade. Estabeleceu-se que de 119 kamayurá, então vivendo na aldeia, 63 - entre homens Trabalho originalmente apresentado à X Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador-1976.

Universitas. Ciência, Salvador, (34): 93-107, out./dez. 1985

adultos, rapazes adolescentes e crianças do sexo masculino - eram capazes de se comunicar em português em graus diversos de fluência, o que foi estabelecido impressionisticamente a partir sobretudo da vivência do documentador com o grupo. Em artigo publicado no vol. XVII-XX (1ª parte) da Revista de Antropologia¹ e em comunicação ao III Congresso da ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina)² informou-se sobre o processamento da pesquisa de campo, de caráter experimental, e o seu objetivo, uma análise sociolinguística do contacto linguístico português-kamayurá.

1.2. Do material então gravado em fitas magnetofônicas - aplicação do questionário experimental a 7 informantes e conversas livres com 8, informantes esses classificados entre falantes considerados de nível I e II de fluência no convívio em campo - selecionou-se o "corpus" para esta comunicação que utilizará parte dos dados recolhidos com a aplicação do questionário, excluídas as conversas livres, por dificultarem o confronto quantitativo dos dados e que deverão ser utilizados em trabalho de natureza mais complexa e completa.

Dos 7 informantes a quem se aplicou o questionário, numerados aqui pela ordem cronológica da gravação, foi eliminado o informante V, a quem o questionário não foi até o fim aplicado, por razões acidentais. Os 6 informantes levados em consideração se agrupam em três faixas etárias - adulto, jovem, criança, todos do sexo masculino: os informantes I e II, adultos, aproximadamente entre 25 e 40 anos, sendo o II cerca de 15 anos mais velho que o I; os informantes III e IV, jovens de mais de 15 anos e menos de 20 e os informantes VI e VII, crianças entre 8 e 10 anos.

Dos 324 itens que constituem o questionário foram excluídos 78 itens para os quais não se documentou resposta em nenhum informante ou por a questão não ter sido aplicada, por razões várias, ou por nunca saberem os informantes a resposta. Eliminaram-se ainda mais treze itens, que intitulamos questões abertas, por permitirem uma enumeração de itens lexicais, variável de informante para informante e

Universitas. Ciência. Salvador, (34): 93-107, out./dez. 1985

não uma resposta unitária. Assim, o total de itens a ser considerado é de 223. As treze questões que chamamos abertas foram consideradas eventualmente quando pareceu necessário à argumentação desenvolvida a seguir. É de notar que para o estabelecimento do percentual de conhecimento lexical de cada informante, o total varia de informante a informante, por que nem todas as questões foram aplicadas a todos.

2. O traço sonoridade em um momento do processo de aquisição do português pelos kamayurá.

2.1. Outros fatos fonológicos poderiam ter sido objeto do presente trabalho. O interesse por esta questão surgiu, no entanto, pela forte impressão que produziu em falante nativo do português - no caso o documentador durante a sua permanência em campo - o ensurdecimento das consoantes não-sonorantes sonoras (/b,d,g,v,z,ž/).

Ao longo de audições cuidadosas do material recolhido, verificou-se que o problema se alargava: não só ocorriam ensurdecimentos de consoantes que em formas do português, nas suas variantes conhecidas, tinham a marca [+ sonora], mas também era possível verificar-se o contrário, o desvio pela sonorização das consoantes surdas (/p,t,k,f,s,š/).

A impressão inicial de que só ocorressem ensurdecimentos se pode explicar agora pela quantificação dos desvios na realização das não-sonorantes: enquanto no "corpus" estudado ocorrem 158 casos de ensurdecimentos, foram documentados apenas 49 de sonorizações.

O levantamento e estudo das formas em que tais desvios aparecem nos levam a acreditar na ausência de regras que dirijam esse comportamento linguístico dos informantes naquele estágio de aquisição da língua portuguesa.

Em primeiro lugar foram documentados casos de desvios em cinco ambientes, observando-se que em três deles ocorriam ambos os processos, ensurdecimento e sonorização, como se demonstra a seguir:

QUADRO 1

Processos Ambientes	[-sonorante] → [-sonorante]		[-sonorante] → [-sonorante]		total
	+sonora	-sonora	-sonora	+sonora	
1. # - V [αacent]		5*		5	10
2. V - V [αacent]		6		5	11
3. (#/V) - CV [αacent]		3		2	5
4. C - V [αacent]		3		0	3
5. V - V V [-acent]		2		0	2

* Os números indicam quantas consoantes não-sonorantes variam no ambiente pelo traço sonoridade.

Os processos de ensurdecimento e sonorização se verificam nos ambientes:

1. depois de pausa:

/b/ ⇒ /p/ - /'pôka/ por boca
/p/ ⇒ /b/ - /'bé/ por pé

2. entre vogais:

/d/ ⇒ /t/ - /sã'tal^a/ por sandália
/t/ ⇒ /d/ - /sku'da/ por escutar

3. antes de consoante, como o primeiro segmento de uma sequência consonântica:

/g/ ⇒ /k/ - /'krilu/ por grilo
/b/ ⇒ /p/ - /'prasu/ por braço
/t/ ⇒ /d/ - /'dribu/ por tripa

Foram documentados apenas casos de ensurdecimento nos ambientes:

4. posição inicial de sílaba, seguindo con

soante da sílaba precedente:

/b/ => /p/ - /'bahpa/ por barba
 /v/ => /f/ - /kar'fãw/ por carvão
 /d/ => /t/ - /muḥ'tũna/ por borduna

5. antes de um ditongo crescente em sílaba átona:

/d/ => /t/ - /'ĩtyu/ por índio
 /g/ => /k/ - /'lĩkwa/ por língua

Vale salientar que é nos ambientes 1, depois de pausa e 2, entre vogais, considerados ótimos para o estabelecimento das oposições das consoantes do português, que ocorre a variação surda/sonora com o maior número de consoantes não-sonorantes: no ambiente 1., a variação do traço sonoridade ocorre em dez segmentos consonânticos (todos exceto /d/ e /s/), no ambiente 2., em onze (todos exceto /ʒ/) e nos demais, em número inferior a seis (Cf. Quadro 1).

Esses fatos nos encaminham a inferir que no estágio de aquisição da língua em que se encontravam os informantes o traço sonoridade ainda não distinguia signos lingüísticos. Isto se fortalece em duas situações da aplicação do questionário.

A primeira, quando o informante repete a forma já emitida pelo documentador - forma que antes havia confessado desconhecer - sonorizando ou ensurdecendo as consoantes: observou-se entre vários informantes com os itens lexicais pala, moça, gelo, camiseta que foram emitidos depois do documentador como /'pala/, /'môza/, /'sêlu/ e /kãmi'zêda/.

A segunda situação, que reforça a nossa inferência de que o traço sonoridade, no estágio de aquisição lingüística dos nossos informantes, não tenha sido ainda incorporado como um traço distintivo, é aquela em que o mesmo informante se autocorrigue e às vezes o faz em favor do traço que foge às normas das variantes dialetais conhecidas do português. Isto ocorreu duas vezes com o informante II que respondeu:

/pés'tãna/ e logo em seguida /bés'tãna/

/'kaza/ e logo em seguida /'kasa/

Interessante observar ainda que, segundo análise preliminar da língua kamayurá³, não há neste sistema lingüístico a oposição entre as consoantes não-sonorantes pelo traço sonoridade.

Ao fato de ocorrerem as variações em diversos ambientes fonológicos e principalmente nos ambientes considerados ótimos para o estabelecimento das oposições das consoantes do português, junta-se outro argumento que nos inclina a concluir pela ausência de regras fonológicas para explicar o problema em causa: a alternância dos dois processos (ensurdecimento e sonorização) nas respostas obtidas a um mesmo item do questionário.

Em apenas dois casos - os dos itens I.25 e I.78 - as respostas dos seis informantes coincidiram, isto é, houve uniformidade no desvio: ensurdecimento das consoantes sonoras (/ 'sãki/ por sangue e/ 'ít~yu/ por índio).

Na maioria das vezes o que se verifica é a alternância dos processos entre as respostas dos informantes, alternância que pode ocorrer não somente de informante para informante, mas até mesmo no interior do vocábulo emitido. Assim, as respostas a cada item do questionário podem variar de informante para informante:

a. pelo ensurdecimento dos segmentos sonoros do vocábulo como em:

/kani'fét~i/ :: /kani'vét~i/ - canivete

/'kôRdu/ :: /'gôhdu/ - gordo

/ka'pêsa/ :: /ka'bêsa/ - cabeça

b. pela sonorização dos segmentos surdos do vocábulo como em:

/'gôhda/ :: /'kôhda/ - corda

/ša'bêw/ :: /ša'pêw/ - chapéu

/ka'bêza/ :: /ka'bêsa/ - cabeça

c. pela sonorização e ensurdecimento dos segmentos surdos e sonoros como em:

/ka'pêza/ :: /ka'bêsa/ - cabeça

Note-se que a possibilidade sugerida por casos como /kani'fét'i/ (ensurdecimento em ambiente consonântico surdo) e /'góhda/ (sonorização em ambiente consonântico sonoro) de interpretar os dados como casos de assimilação do traço sonoridade é des feita por dados como /'kôrdu/ por gordo e /â'béw/ por chapéu, nos quais não existe ambiente para condicionar a mudança.

Como se poderia esperar de um dialeto em transição, como é o caso do português kamayurá, a análise dos ambientes onde se verifica a variação entre não sonorantes surdas e sonoras em relação às normas das variantes conhecidas do português e a flutuação que se revelou na comparação dos dados de informante para informante, assim como na observação das variações dentro do próprio vocábulo, nos levam a concluir pela inexistência de regras fonológicas predetermináveis para explicar o traço sonoridade entre as consoantes não-sonorantes no português kamayurá, no momento da coleta do "corpus". Torna-se portanto justificável a variação livre entre consoantes surdas e sonoras, pela interferência da língua primeira, o kamayurá.

3. O traço sonoridade e o processo de aculturação lingüística entre os kamayurá.

3.1. Não sendo possível estabelecer explicação estrutural, intralingüística, para a variação que se pode agora chamar de livre, entre segmentos não-sonorantes sonoros e surdos, nesse dialeto de transição do português, algumas relações extra-lingüísticas se podem estabelecer entre o fenômeno em foco, as faixas etárias dos informantes e seu grau de aculturação, para uma maior aproximação do entendimento do processo de aquisição do português como língua não-materna por uma população indígena em contacto intermitente.

Levamos em consideração dois tipos de dados quantitativos para relacionar o percentual de desvio das normas lingüísticas do português quanto à realização das não-sonorantes com o grau de aculturação lingüística do informante e sua faixa etária:

1. a partir do total de segmentos não-sonorantes

Universitas. Ciência. Salvador, (23): 93-107, out./dez. 1985

rantes emitidos por cada informante estabelecemos a quantidade de desvio em cada um deles. (Cf. Quadro 2).

2. a partir do total de itens lexicais inquiridos a cada informante estabelecemos o total de respostas por cada um deles. (Cf. Quadro 3).

Além desses dados quantitativos levamos em consideração na discussão do processo de aquisição do português alguns termos de referência para todos os informantes que podem ser indicadores que expliquem o seu grau de aculturação lingüística: a desinibição no comportamento do informante, sua necessidade de identificação com a etnia dominante, a intensidade e freqüência do contacto com ela, sua faixa etária e a idade em que iniciou o contacto.

A análise dos dois conjuntos de dados quantitativos leva a uma classificação indiscutível que é a agrupação dos seis informantes em dois grupos distintos: informantes mais aculturados lingüística mente - I, II e III (grupo 1) - e informantes menos aculturados lingüística mente - IV, VI e VII (grupo 2).

QUADRO 2

Informantes Áreas	I		II		III		IV		VI		VII	
	t**	d	t	d	t	d	t	d	t	d	t	d
I	69	6	97	24	83	13	64	16	62	15	61	17
II	6	0	9	2	8	2	4	2	6	1	7	1
III	9	0	13	1	15	0	1	0	3	0	1	0
IV	43	2	59	6	50	6	22	3	16	1	11	3
V	139	3	172	20	115	19	74	13	66	14	51	8
total	266	11	350	53	271	40	165	34	153	31	131	29
%	4,13%		15,14%		14,76%		20,60%		20,26%		22,13%	

Percentual de desvio na realização das não-sonorantes

Percentual de desvio na realização das não-sonorantes

QUADRO 3

Informantes Áreas*	I		II		III		IV		VI		VII	
	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
I	44	14	56	4	55	6	41	15	43	8	35	12
II	7	3	9	0	9	0	3	5	6	2	7	1
III	8	0	10	0	7	2	2	4	3	1	1	3
IV	30	10	35	2	34	9	16	7	11	9	9	7
V	98	9	76	4	60	6	42	5	36	9	31	5
total parcial	187	36	186	10	165	23	104	36	99	29	83	28
total geral	223		196		188		140		128		111	
%	83,85%		94,89%		87,76%		74,28%		77,34%		74,77%	

Percentual de respostas aos itens lexicais do questionário

* Áreas semânticas em que se distribuem os itens do questionário

** t = total, d = desvio

Os informantes I, II e III apresentam, respectivamente, 4,13%, 15,14% e 14,76% de desvio na realização das não-sonorantes, enquanto os informantes IV, VI e VII apresentam mais de 20% de desvio, respectivamente, 20,60%, 20,26% e 22,13%. Quanto ao número de respostas aos itens lexicais, o que é indicio para determinação do conhecimento lexical do falante, mais uma vez os informantes I, II e III se opõem aos IV, VI e VII com, respectivamente, 83,85%, 94,89% e 87,76% versus 74,28%, 77,34% e 74,77%.

Desta primeira informação se poderá inferir que o desvio é menor à medida que o falante se torna mais aculturado lingüísticamente e aqui o indice de aculturação está sendo medido por um dado in tra-lingüístico: o maior ou menor conhecimento do

léxico do sistema lingüístico em aquisição, o que tem fundamento no fato de ser o léxico o elemento de qualquer língua que mais diretamente reflète os outros aspectos extra-lingüísticos da cultura de qualquer povo. Sendo assim, os informantes que apresentassem vocabulário mais rico poderiam ser aqueles que se encontrariam em estágio aculturativo mais avançado.

Dentre os três informantes do grupo 1, destaca-se o informante I que apresenta apenas 4,31% de desvio na realização das não-sonorantes, encontrando-se portanto a uma enorme distância dos outros todos. Contrariamente ao que seria de esperar, esse informante ocupa o 3º lugar quanto ao conhecimento do léxico, a uma pequena distância do informante III, que ocupa o 2º lugar, e a uma distância significativa do informante II, que ocupa o 1º lugar neste aspecto. Esse dado não parece invalidar o fato de ser o informante I o mais aculturado lingüísticamente, uma vez que é a preocupação de "correção" do informante - o único a demonstrar isso, verificando sempre se tinha respondido certo - um elemento lateral, mas de grande significação por demonstrar a busca do uso consciente do sistema em aquisição, o que tolhe a espontaneidade natural que intuitiva e mecanicamente leva o falante não consciente a adquirir um novo sistema. É esse o caso dos outros, exceto talvez o do informante IV, como veremos adiante. Essa busca de perfeição ou de ajuste ao comportamento do falante nativo se verifica também no comportamento geral do informante que procurava, muito mais que todos do grupo, agir como os não índios, o que parecia funcionar como uma forma de afirmar e firmar o seu prestígio na aldeia.

Atitude semelhante, ou seja, de obter prestígio pela aquisição do português parece explicar o grau de aculturação lingüística do informante III, que, apesar de não ter 20 anos, apresenta-se em 2º lugar tanto quanto ao índice de desvio na realização dos fonemas não-sonorantes, como no conhecimento do léxico. Esse jovem, nunca tendo saído da área do Xingu, ao contrário dos informantes I e II, que viveram ou estiveram em centros urbanos, embora por

pouco tempo, atingiu um grau de aculturação lingüística que o desloca de dentre jovens e crianças para a faixa dos adultos. Sua predisposição psicológica para a aculturação e conseqüente identificação com a sociedade dominante é tal que o levou a ser o único índio alfabetizado da aldeia, onde então não havia escola, e a ser hoje soldado da FAB.

O informante II, de maior convívio real com a etnia dominante, não só por ser o mais velho, por ter visitado vários centros urbanos e ter trabalhado com operários, colaborando na abertura de estrada, e além disso por sua posição social na aldeia, durante muitos anos ser chefe e filho de chefe, o que o obriga a receber os visitantes, é o que se apresenta como o maior conhecedor do vocabulário a uma significativa distância dos dois que o seguem. Apresenta ele, contudo, um alto índice de desvio na realização das não-sonorantes em relação ao informante I, o outro adulto inquirido. Este dado pode ser explicável por ter começado a ouvir o português e a aprendê-lo por volta dos 15 anos, numa fase em que já é mais difícil adquirir novos padrões lingüísticos - enquanto os outros tiveram possibilidade de ouvir o português desde a 1ª infância - e também pelo fato de não apresentar como os informantes I e III aquela predisposição psicológica para aculturar-se, o que de resto não lhe era necessário para obter prestígio no grupo, pois isso já lhe estava assegurado por razões familiares. Para ele possivelmente importasse manter-se índio como forma de afirmar-se em oposição ao não-índio.

Os informantes IV, jovem, VI e VII, crianças - grupo 2 - menos aculturados lingüisticamente apresentam uma uniformidade tanto no que diz respeito ao conhecimento do léxico (faixa dos 70%) e no desvio da realização das não-sonorantes (faixa dos 20%). É interessante notar que o jovem, da mesma idade que o informante III, e seu companheiro, com

as mesmas experiências de contacto com a etnia dominante, apresente índice semelhante de conhecimento lexical ao das crianças e só perca quanto ao número de desvios para o informante VII, de cerca de 8 anos. Aqui faz-se necessário considerar seu comportamento tímido e o fato de ter sido o único informante a se colocar na posição de aprendiz, durante a aplicação do questionário, o que o mantinha em atitude vigilante, apressando-se em dizer que não sabia e que estava aprendendo. Ambos os fatos podem ter contribuído para o baixo índice de respostas ao questionário.

Entre os informantes IV, VI, e VII o melhor deles é o VI, não só quanto ao conhecimento do léxico como na realização das não-sonorantes. Sua atitude no comportamento em campo é semelhante, guardadas as devidas proporções, à do informante III, jovem entre 15 e 20 anos. Demonstra o informante VI, já aos 10 anos, o maior interesse em aproximar-se da etnia dominante, o que talvez intua como forma de obter prestígio social. Certamente é importante para entender o seu bom manejo do português o fato de seu pai se comunicar muito bem nesta língua. O mesmo se dá com o informante VII, o mais jovem de todos, filho do informante II. O fato de apresentar maior índice de desvio que o informante VI na realização de segmentos não-sonorantes deve-se talvez ao menor tempo de contacto com o português, principalmente por ter ainda 8 anos e talvez ao fato de, pertencendo a uma família de chefes do grupo, não necessitar do prestígio social alcançado através de padrões de comportamento não-xinguanos.

É interessante observar que, considerados os pontos de referência levados em conta nessa discussão, os melhores falantes do português dentre os informantes, os do grupo 1 e o VI, entre os do grupo 2, são aqueles que apresentam no mínimo três traços positivos para os 5 pontos considerados (Cf. Quadro 4).

QUADRO 4

Pontos de referência	Informantes					
	I	II	III	IV	VI	VII
desinibição no comportamento	+	+	+	-	+	+
necessidade de identificação com a etnia domin.	+	-	+	-	+	-
freqüência e intensidade no contacto	+	+	+	-	-	-
faixa etária	+	+	-	-	-	-
idade em que iniciou o contacto	+	-	+	+	+	+

3.2. Pelos dados discutidos, a modo de conclusão, algumas hipóteses podem ser levantadas e poderão vir a ser testadas e talvez contestadas em trabalhos que aprofundem os problemas aqui aflorados:

1. o maior grau de conhecimento lexical se relaciona com a maior freqüência e/ou intensidade de contacto direto com a cultura da etnia dominante (casos dos informantes I e II) ou com uma maior predisposição individual para aculturar-se, o que se associa a um comportamento menos inibido e acelera o processo de aquisição da língua estrangeira (caso do informante III);

2. contrariamente, o menor grau de conhecimento lexical se relaciona com a menor freqüência e/ou intensidade do contacto direto com a cultura da etnia dominante (caso dos informantes VI e VII) ou com uma menor predisposição individual para aculturar-se, o que se associa a um comportamento individual mais inibido, retardando o processo de aquisição da língua estrangeira (caso do informante IV);

3. uma atitude consciente na utilização do

novo sistema se relaciona a uma menor naturalidade na comunicação e a um menor rendimento, pelo menos em situações pouco naturais e espontâneas que é a da aplicação do inquérito lingüístico (caso do informante I e do IV);

4. um menor número de desvio das normas lingüísticas do português decorrente de possível interferência do sistema lingüístico materno se relaciona a um maior grau de aculturação lingüística (caso dos informantes I e III, em relação ao II, e do informante VI em relação ao IV e ao VII), por necessidade de identificação com a etnia dominante para aquisição de prestígio ou auto-afirmação ou ainda por uma facilidade intrínseca na aquisição de novos hábitos lingüísticos, o que teria de ser testado por outro tipo de dados.

5. a idade apresentou-se como um fator secundário para a determinação de grau de aculturação lingüística (compare-se o informante III, jovem, em relação ao I e II, adultos, e ao IV, jovem: compare-se também o informante IV, jovem, com o VI e VII, crianças, e com o III, jovem).

6. o maior ou menor grau de aculturação lingüística do pai é um fator a ser considerado no processo de aculturação lingüística da criança (Cf. informantes VI e VII, ambos filhos de falantes fluentes do português), mas esse processo só será bem entendido se visto no conjunto dos mecanismos de socialização da criança kamayurá, levando-se em conta, sobretudo, a interação e interinfluência dos elementos que compõem o grupo etário constituído por jovens e crianças (é o caso, por exemplo, do informante III com o prestígio que exercia entre crianças e jovens, decorrente de sua capacidade de dominar o português).

NOTAS

1. MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Informação preliminar sobre o português falado na aldeia Kamayurá. Revista de Antropologia, São Paulo, 17-20 (1ª parte): 75-92. 1969-72.

2. _____ e AGOSTINHO, Pedro, Aculturação no plano lingüístico: notícia sobre pesquisa entre os Kamayura do

Alto Xingu, Brasil In: CONGRESO de la ALFAL., 3^a, Puerto Rico, 1971. Actas. Puerto Rico, Instituto de Lingüística, 1976. p. 159-170.

3. Essa análise, de Carl Howard Herrison, foi apresentada, como relatório preliminar mimeografado, ao Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília em 1965.

SUMMARY

We discuss here data collected in a field work in Alto-Xingu (Mato Grosso). The main aim of this paper is to show that kamayurá indians had not acquired the feature of sonority that distinguishes /p-b; t-d; k-g; f-v; s-z; š-ž/ in that moment of acquisition of Portuguese language. As a secondary aim we relate the acquisition of this feature to the acquired vocabulary in order to determine the linguistic aculturation level of the speakers.